

SØREN KIERKEGAARD: SOBRE A ANGÚSTIA E O DESESPERO

Juliano Telles dos Santos*
Douglas João Orben**

Resumo: O presente artigo foca a investigação do pensamento do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855), reconhecido por muitos como um dos mentores do existencialismo contemporâneo. O pensamento de Kierkegaard considera a existência humana como fundamentada na liberdade, de modo que a singularidade individual é constituída por escolhas existenciais. Isto posto, este artigo analisa os conceitos de angústia e desespero, os quais emergem da inevitável situação de liberdade humana - afinal, perante as possibilidades de escolha, o indivíduo necessariamente depara-se com a angústia e o desespero, que são tanto condições inerentes à existência humana quanto sentimentos basilares na busca por uma existência autêntica.

Palavras-chave: Kierkegaard. Existencialismo. Liberdade. Angústia. Desespero.

SØREN KIERKEGAARD: ON ANGUISH AND

Abstract: This article focus on investigating the thinking of the Danish philosopher Søren Kierkegaard (1813-1855), recognized by many as one of the mentors of contemporary existentialism. Kierkegaard's thinking considers human existence is grounded in freedom, so that individual singularity is constituted by existential choices. That said, this article analyzes the concepts of anguish and despair, which emerge from the inevitable situation of human freedom - given the possibility of choice, the individual is necessarily faced with anguish and despair, which are both inherent conditions to human existence and basic feelings in the search for an authentic existence.

Keywords: Kierkegaard. Existentialism. Freedom. Anguish. Despair.

* Licenciado em Filosofia pela Faculdade Palotina - FAPAS, Santa Maria, RS. E-mail: julianotelles@outlook.com.br.

** Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e professor do Instituto Federal Sul-rio-grandense - IFSul, Pelotas, RS. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5245-7630>. E-mail: douglasorben@hotmail.com.

Considerações iniciais

Søren Kierkegaard (1813-1855) é considerado por muitos como “o pai do existencialismo contemporâneo”. O seu pensamento origina-se da contraposição ao sistema filosófico hegeliano, no qual a singularidade individual seria dissolvida na totalidade do espírito absoluto. Com isso, Kierkegaard busca desenvolver uma filosofia antissistemática e existencial, cuja base está naquilo que não aparece ou é eliminado pelo sistema hegeliano, a saber: a existência humana singular e livre. Dessa maneira, o existencialismo de Kierkegaard traz para o centro do debate filosófico elementos vinculados aos sentimentos, às angústias e desesperos humanos.

Nesse sentido, o presente artigo busca analisar os conceitos de angústia e desespero, a partir do pensamento do filósofo dinamarquês. Esses conceitos fazem refletir sobre a particularidade de cada indivíduo que possui liberdade, pois “a característica própria do homem está em sentir-se obrigado a formular uma opção livre. *A escolha é simultaneamente necessária e livre*” (JOLIVET, 1957, p. 51). A liberdade para escolher faz do indivíduo um construtor da sua própria vida, portanto é necessário que cada um reconheça o valor da existência. A existência só ganha sentido quando refletida e quando o indivíduo se torna responsável pelas escolhas que faz. Destarte, através da possibilidade de escolha, o indivíduo depara-se com a angústia e o desespero, que são condições inerentes à existência humana e fundamentais na busca de autenticidade existencial.

1 O indivíduo e a possibilidade de escolha

A filosofia existencial de Kierkegaard manifesta uma preocupação especial com relação ao indivíduo e sua existência. Desse modo, o filósofo dinamarquês deixa claro que sua atenção, estando destinada para tal questão, não é algo para ele sem importância. Na obra *Ponto de vista explicativo da minha obra de escritor*, ao tratar sobre o indivíduo, ele escreve:

Se a questão de ‘o Indivíduo’ fosse para mim uma futilidade, poderia deixá-la cair, e até o faria com prazer e vergonha para mim se não estivesse disposto a isso com toda a atenção possível. Mas não é o caso; para mim, como pensador e não pessoalmente, a questão do Indivíduo é decisiva entre todas (KIERKEGAARD, 2002, p. 120).

O pensamento de Kierkegaard, através da valorização do indivíduo, expressa significativamente o papel que este desempenha na existência. Nesse sentido, sua filosofia existencial é caracterizada pelo enfoque relacionado à categoria da singularidade, a qual se torna essencial. Para Kierkegaard, a singularidade do indivíduo deve ser vivida e reconhecida, pois “cada um de nós é certamente um homem individual” (2002, p. 123). É somente através das vivências particulares de cada indivíduo enquanto tal que a existência humana é edificada.

Pode-se retomar aqui a importância do indivíduo perceber a necessidade de sua particularidade e assim assumi-la, evitando perder-se na ‘multidão’. Kierkegaard salienta que “onde, pois, existe a multidão, onde ela adquire uma importância decisiva, *aí* não se trabalha, não se vive, não se tende para este ou aquele fim terreno” (2002, p. 112). Nesse sentido, a vida autêntica só ganha

sentido quando se escolhe a si mesmo, assumindo dessa maneira a singularidade.

Todavia, vale ressaltar que a opção pela singularidade não torna o indivíduo um ser isolado socialmente, pois como destaca Moraes:

De antemão sabe-se que o indivíduo é o oposto de multidão, ou seja, ante a ela, ele é considerado isolado, sozinho. Entretanto, abandonar a multidão, não é especificamente, viver isolado de todo convívio social tornando-se, por assim dizer, um solitário. Kierkegaard, ao considerar a multidão como sendo o útero da mentira e, ao resgatar o primado da individualidade, quer afirmar que, há que fazer um mergulho para dentro de si mesmo, a fim de descobrir o que realmente se é (2007, p. 28).

Em vista disso, é imprescindível que haja maturidade e responsabilidade na atitude assumida, pois cada um “deve pôr a sua honra em ser um Indivíduo, e nisso encontrará verdadeiramente a sua felicidade” (KIERKEGAARD, 2002, p. 124). Entretanto, é preciso que cada indivíduo opte por si mesmo, visando o autoconhecimento.

Optar por si mesmo expõe o indivíduo a uma realidade de mudança rumo à própria realização pessoal. A existência traz consigo “uma exigência: a de ter que devir, edificar-se” (FARAGO, 2006, p. 75), tornando-se uma constante tarefa que exige o empenho por parte de cada indivíduo. Assim, podemos compreender que cada indivíduo tem a autonomia para garantir a autenticidade de sua vida.

[...] *existir é escolher-se*, porque, de facto, a opção recai unicamente sobre nós mesmos. Qualquer opção ‘externa’ é função de uma opção interior, de uma opção pela qual me

realizo a mim mesmo. O eu que me foi dado nunca é um eu completamente feito, uma essência que deverá atualizar, mas sim uma simples possibilidade. A *existência precede a essência*: eu sou, de certo modo, o artífice da minha essência e existo na medida em que completo essa essência (JOLIVET, 1957, p. 51).

Tornar-se indivíduo é uma exigência pessoal e uma constante busca por evolução e autonomia. É verdadeiramente uma missão para todos, pois “ninguém passa sem se tornar Indivíduo” (KIERKEGAARD, 2002, p. 125). Em síntese, independente do tempo que levar, cada um (a partir de suas experiências) reconhecerá o valor de ser e viver enquanto indivíduo.

A existência é, de fato, uma realidade que não deve ser pensada por cada indivíduo apenas como um modo de viver, mas sim como uma grande oportunidade de vivê-la com intensidade. Pois, a “existência significa o próprio sentido da vida, longe de ser o objeto de uma consciência imediata, se revela progressivamente no decorrer do tempo como apelo a realizar-se a si mesmo” (FARAGO, 2006, p. 76). A existência, para ser autêntica, não pode ser vivida sem a consideração de sua importância.

[...] só é *existência autêntica* a que se identifica com um ‘*estar diante de Deus*’, isto é a que está ligada ao transcendente e ao absoluto. Efetivamente, a subjetividade, à medida que se torna mais profunda, aparece-nos como função de um outro absoluto. Encher-me do sentido do meu eu pessoal, isto é, do sentido de existir, é necessariamente ultrapassar e como superar o eu pessoal, porque é passar para além do espaço e do tempo e, em virtude da mesma intensidade do estado vivido, instalar-se de certo modo no eterno (JOLIVET, 1957, p. 52).

Nesse sentido, é possível identificar no pensamento de Kierkegaard uma profunda espiritualidade que manifesta a importância fundamental da relação entre o finito e o infinito, ou seja, entre o indivíduo e Deus. É nesta relação que se edifica a autêntica maneira de viver a existência humana.

O pensamento de Kierkegaard sobre o indivíduo torna-o “habilidoso para conduzir o homem a si mesmo, para colocá-lo de súbito, face a face com a formidável singularidade de sua condição” (BEAUFRET, 1976, p. 13). Assim, o indivíduo é visto por Kierkegaard com estima e consideração, destacando suas capacidades de desenvolvimento pessoal.

Nesse sentido, “cada homem deve tomar consciência dessa mais pura realidade que é a responsabilidade pela própria existência” (MORAES, 2007, p. 27). A busca por um sentido verdadeiro para a própria existência depende de cada indivíduo, sendo ele o responsável pelas opções que realiza, a partir das possibilidades de escolha. As opções realizadas definem a existência do indivíduo, isto é, caracterizam sua liberdade, permitindo adquirir autonomia na caminhada existencial.

A capacidade de escolher ocorre somente quando o indivíduo percebe sua liberdade e conscientiza-se da necessidade de fazer opções ao longo da caminhada existencial. Segundo Farago, “o homem é de fato este ente particular na medida em que está à frente de si, na tarefa de si mesmo, perpetuamente interessado por si, voltado para os possíveis, pode ser e, no entanto, só diante de suas opções” (2006, p. 75). As escolhas só serão relevantes quando pensadas a partir de um ideal significativo.

A partir das considerações analisadas, pode-se compreender que o indivíduo só dá sentido à existência quando reconhecer a necessidade de optar-se por si mesmo e realizar escolhas conscientes que sejam positivas. Pois, “para

Kierkegaard a *existência* do indivíduo é o que conta. É quando agimos, e especialmente quando fazemos as escolhas mais relevantes, que nos relacionamos com nossa própria existência” (GAARDER, 2016, p. 410). Sendo assim, a existência é uma responsabilidade do próprio indivíduo.

Durante o percurso realizado por cada indivíduo, torna-se um dever refletir sobre o próprio estágio no qual se encontra, buscando se reencontrar e, neste reencontro consigo mesmo, dar um sentido para a própria existência. A angústia e o desespero são dois sentimentos que emergem na existência humana e pessoal de cada indivíduo, perante as inúmeras possibilidades de escolha existencial. É isto que será apresentado na sequência do texto, a fim de compreendermos a contribuição que tais conceitos exercem na existência humana.

2 O conceito de angústia

A abordagem de Kierkegaard sobre o conceito de angústia dedica-se intensamente a uma reflexão existencial e psicológica. Na obra *O conceito de angústia*, através do pseudônimo Vigilius Haufniensis, o autor dinamarquês aborda a condição de Adão e a relação deste com o *Pecado Original*.¹ Desse modo, a narração nos capítulos 2 e 3 do Livro do Gênesis apresenta o pecado de Adão e a sua possibilidade de escolha, ou seja, entre a ordem dada por Deus e sua inocência.

¹ Segundo Ruf, “o pecado já é um tema nas primeiras páginas da Bíblia. [...]. No terceiro capítulo do Gênesis, fala o Javista – na linguagem velada da narrativa dramática da sedução do primeiro casal humano pela serpente – do pecado original como ato decisivo, que acarreta uma mudança radical no relacionamento do homem com seu Deus. O pecado é o *acontecimento* que desde então marca radicalmente a história e o destino do homem” (1978, p. 39).

A condição de Adão fez surgir no mundo o primeiro pecado. Com isso, a figura de Adão deve remeter-se sempre a questão do surgimento do pecado. Ambos não devem ser separados, pois segundo Kierkegaard “explicar o pecado de Adão é, portanto, explicar o pecado hereditário, e de nada adianta uma explicação que queira explicar Adão, mas não o pecado hereditário, ou queira explicar o pecado hereditário, mas não Adão” (2013, p. 30). Para compreender a questão que envolve Adão e o pecado original é necessário compreender como tudo começou.

Nesse contexto, “com o primeiro pecado de Adão, o pecado entrou, portanto, no mundo” (KIERKEGAARD, 2013, p. 35) e tornou-se um tema central na história da humanidade. A possibilidade de escolha demonstrada na Bíblia sobre o início da criação consiste na liberdade adquirida pelo ser humano através de Adão. Portanto, o pecado original:

[...] distingue o homem dos demais seres animados: apenas criado, é ele posto à prova no exercício da sua liberdade espiritual, é compelido a uma escolha decisiva em relação a seu Criador. Na provação do paraíso reconheceu-se o surgir do pecado original. [...] a Bíblia se coloca numa perspectiva existencial: apanha ao vivo a essência do homem vendo-o agir. O que então define, o que o diversifica radicalmente dos animais, é a aptidão para a liberdade (GRELOT, 1969, p. 92).

A angústia tem sua origem a partir da metáfora do primeiro pecado, pois “Kierkegaard enuncia que a angústia tem sua gênese em Adão, primeiro homem, ao deparar-se com a possibilidade de escolha” (MORAES, 2007, p. 44). Sendo assim, diante de uma possibilidade, Adão precisou tomar uma decisão e isso o fez consciente de sua liberdade. Encontra-se ele perante uma escolha e isso

exige discernimento, podendo o resultado de tal escolha levá-lo a angustiar-se mais, pois a possibilidade de escolha já lhe causa angústia.

Adão era compreendido por Kierkegaard como uma criatura inocente, na medida em que não fazia distinção entre o bem e o mal.² A inocência só fora perdida através da culpa, pois “é só pela culpa que se perde a inocência; cada homem perde a inocência essencialmente da mesma maneira que Adão o fez” (KIERKEGAARD, 2013, p. 39). Assim, podemos compreender que o homem só sai do seu estado de inocência quando se torna culpado.

Na concepção de Kierkegaard, “a inocência não é uma perfeição que se deva desejar de volta, pois desejá-la já é tê-la perdido, e aí é um novo pecado perder tempo com desejos” (2013, p. 40). O fato da eliminação da inocência deve ser vista como uma condição para que o indivíduo saia de sua ignorância, pois “inocência é ignorância” (KIERKEGAARD, 2013, p. 40). A culpa é o que condiciona o indivíduo a sair da ignorância, tornando-o capaz de diferenciar o bem e o mal.

A queda (que faz nascer o pecado) de Adão, ocorrida devido à realização de sua ação referente à proibição, permite que através da liberdade ele tomasse uma decisão, assumindo desta maneira a culpa que elimina sua ignorância. Portanto, Adão a partir do próprio ato de comer do fruto proibido, sendo passível de liberdade para escolher, experimenta pela primeira vez o sentimento de culpa.

No Paraíso, Adão e Eva encontravam-se adormecidos no espírito, estando providos apenas da alma em união com sua natureza, ou seja, faltava-lhes o conhecimento de si mesmos. Para Farago, Adão e Eva “não estavam ainda postos como espírito, mas somente como possibilidade de espírito, como cada um de nós quando nascemos. O espírito só lhes advém com a cisão que é

² A inocência de Adão fazia dele uma criatura sem condições de saber sobre o que seria certo ou errado, pois ele vivia no estado do não saber, ou seja, não tinha a capacidade de indagar-se.

permitida somente pelo conhecimento” (2006, p. 79). Dessa maneira, o espírito tornou-se presente somente depois que ambos tomaram consciência de que estavam nus.³

Nesse sentido, segundo Farago “a angústia está ligada à reflexividade que nasce então, à experiência que toca aquilo que tem inteiramente por primeiro o *fato de existir* ao qual impõe a ordem de se tornar em *ato de existir*” (2006, p. 80). Ou seja, a consciência da existência e da liberdade estabelece o indivíduo como o principal responsável pelos seus atos.

A angústia não pode ser confundida com qualquer outro sentimento, como foi citado pelo autor, pois surge da liberdade que o indivíduo tem de escolher, ou seja, da possibilidade de escolha. Percebe-se aqui que o indivíduo pode angustiar-se antes mesmo de tomar uma decisão. Para Kierkegaard,

O conceito de angústia não é tratado quase nunca na Psicologia, e, portanto, tenho de chamar a atenção sobre sua total diferença em relação ao medo e outros conceitos semelhantes que se referem a algo determinado, enquanto que a angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade (2013, p. 45).

A angústia é própria de cada ser humano⁴, perante as possibilidades apresentadas pela liberdade de escolha. Segundo Oliveira, “o modo de ser da existência não é a realidade ou a necessidade, mas sim a possibilidade e isso gera a angústia [...]” (2008, p. 44). A partir do reconhecimento próprio do

³ Após comerem do fruto proibido “os olhos dos dois se abriram, e descobriram que estavam nus; entrelaçaram folhas de figueira e se cingiram” (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2011. Gênesis 3,7). Por isso, é utilizada a expressão “estavam adormecidos” quando se faz a referência de que Adão e Eva tinham apenas a possibilidade de espírito.

⁴ A angústia só pode ser encontrada no ser humano e jamais no animal, pois “este em sua naturalidade não está determinado como espírito” (FARAGO, 2013, p. 45).

indivíduo enquanto tal, ele é capaz de tomar suas decisões, de modo a angustiar-se perante as inúmeras possibilidades apresentadas pela liberdade.

[...] a angústia será mais refletida num indivíduo posterior do que em Adão, porque o aumento quantitativo acumulado pelo gênero humano faz-se valer no indivíduo posterior. Sem embargo, a angústia não é, nem neste caso nem em outro qualquer, uma imperfeição do homem, e pode-se dizer, ao contrário, que quanto mais original é um homem, tanto mais profunda será sua angústia, porque ao entrar na história do gênero humano ele precisa apropriar-se do pressuposto da pecaminosidade, que sua vida individual supõe (KIERKEGAARD, 2013, p. 57).

A angústia, que provém da possibilidade da liberdade e do pecado cometido pelo indivíduo, só se diferencia da realidade de Adão quantitativamente. Em outras palavras, o indivíduo percorre um longo caminho na sua existência, devendo fazer muitas reflexões sobre o que poderá realizar e da mesma forma sobre o que realizou. Desse modo, a angústia é o resultado do reconhecimento da condição de liberdade e das ações do próprio indivíduo.

Não nos é dada a existência como produto acabado. Contentar-nos com esperar o nosso acabamento na passividade seria atitude insensata. Somos artífices daquilo que nos tornamos. A angústia vem do fato de que Deus deixa o homem livre, à sua imagem, para operar, por seus atos concretos, as escolhas em que se projeta a fim de construir-se, “edificar-se” (FARAGO, 2006, p. 96).

A existência de cada indivíduo é preenchida de sentido a partir das escolhas que ele próprio faz, de modo que estas auxiliam na construção da sua história, dando um autêntico valor para a sua vida. Portanto, a angústia é a

manifestação da responsabilidade assumida pelo indivíduo que tem total liberdade para edificar seu projeto de vida e para agir.

3 O conceito de desespero

Como já fora mencionado anteriormente, o espírito é posto no indivíduo quando ele toma consciência e, deste modo, percebe que é livre. Com isso, o indivíduo relaciona-se consigo mesmo, assumindo uma nova concepção que segundo Kierkegaard “é uma relação, que não se estabelece com qualquer coisa de alheio em si, mas consigo próprio. Mais e melhor do que na relação propriamente dita, ele consiste no orientar-se dessa relação para a própria interioridade” (1952, p. 33). Assim, o desespero torna-se resultante da relação do indivíduo para consigo mesmo.

Na obra *O desespero humano – doença até a morte*, sob o pseudônimo Anti-climacus⁵, o filósofo dinamarquês faz uma reflexão que procura dar significado ao desespero. Na perspectiva de que muitos são os desesperos que surgem na vida do indivíduo, Kierkegaard demonstra “como lidar com eles de uma maneira otimizada para a existência. O ‘desesperar’ é muito mais do que um fenômeno social, é também uma questão emocional, que leva o indivíduo ao fracasso ou ao triunfo” (OLIVEIRA, 2008, p. 49). Na relação consigo mesmo, o indivíduo é capaz de escolher as condições que o façam evoluir ou não.

Nesse sentido, o desespero caracteriza-se no indivíduo na relação com sua individualidade, surgindo o desejo de libertar-se. Para Kierkegaard,

⁵ Segundo Oliveira, “o autor escreve na perspectiva de resgatar a fé e se diz um crente, pois sua obra professa a fé em Cristo. Diferente de Climacus que considera o cristianismo como um fato alheio a si mesmo, por isso, era alguém sem fé” (2008, p. 49).

O homem que desespera tem um *motivo* de desespero, é o que se pensa durante um momento, é só um momento; porque logo surge o verdadeiro desespero, o verdadeiro rosto do desespero. Desesperando dum coisa, o homem desesperava de *si*, e logo em seguida quer libertar-se do seu eu (1952, p. 43).

Destarte, quando o indivíduo percebe o motivo de seu desespero, ele pode tentar fugir de si mesmo, ou seja, desespera-se a partir da sua própria realidade. E, assim, desejando livrar-se dele próprio. Em outras palavras, o indivíduo busca livrar-se de si mesmo quando não atinge o seu objetivo. Como Kierkegaard expressa: “assim, quando o ambicioso que diz ‘Ser César ou nada’ não consegue ser César, desespera” (1952, p. 43). Esta expressão retrata o indivíduo ambicioso que se desespera, não pelo fato de não ser César, mas de não ter se tornado César e revoltado consigo mesmo não aceita tal situação.⁶

O desesperar-se por algo não é entendido por Kierkegaard como o verdadeiro desespero, mas como o primeiro, o início. Pois, “[...] está latente, como os médicos dizem de uma enfermidade” (KIERKEGAARD, 1952, p. 44). Logo, podemos compreender que o início do desespero se dá quando o paciente recebe a notícia de uma enfermidade que não possui conhecimento, mas o verdadeiro desespero surge quando essa se manifesta e o paciente deseja libertar-se dela.

Nesse caso, o pensamento existencialista kierkegaardiano apresenta, portanto, duas formas de desespero: ser ou não ser. A primeira está pautada no indivíduo que se relaciona consigo mesmo e quer ser ele próprio; já a segunda manifesta-se no indivíduo que deseja desembaraçar-se de si próprio.

⁶ “Por não alcançar seu eu ambicioso, o indivíduo não consegue suportar-se. O resultado é um vazio interior, acompanhado de uma vontade inconsciente de morrer” (STRATHERN, 1999, p. 58).

[...] O desespero é a doença que, pode dizer-se, o pior mal é não ter sofrido... e é uma divina felicidade suportá-la, se bem que seja a mais nociva de todas, quando não queremos curar-nos dela. Tanto é assim que, salvo neste caso, sarar é uma felicidade, e que a infelicidade é a doença (KIERKEGAARD, 1952, p. 52).

Assim, compreendemos o título da obra que deu origem ao pensamento do autor dinamarquês, levando em consideração que o desespero pode levar à morte, mas não morte física. Isso acontece quando alguém não busca curar-se do desespero, ou seja, entrega-se ao desespero por não suportar as realidades que vivencia. Somente o indivíduo é capaz de optar-se por si mesmo para superar o desespero.

A consciência é indispensável para que o indivíduo se conheça, pois “a infelicidade de um eu desta espécie não está em nada ter feito neste mundo, mas em não ter tomado consciência de si próprio” (KIERKEGAARD, 1952, p. 69). O indivíduo precisa perceber que o seu eu é uma necessidade e não o possível, pois “o possível está longe de ser ele próprio” (KIERKEGAARD, 1952, p. 69). É deste modo que acontece a conquista do próprio eu, ou seja, através do conhecimento adquirido pelo indivíduo na relação consigo próprio.

O indivíduo na sua existência humana depara-se com a “tentação de ou assumir desesperadamente no desafio este ser que é seu, ou então, de modo igualmente desesperado, não ser ele mesmo” (FARAGO, 2006, p. 97). A partir desta concepção, o indivíduo é responsável pela própria edificação e, para tanto, deve buscar ao longo de sua existência reconhecer-se limitado, pois “reconhecer o pecado perante Deus é a reconciliação com Deus” (OLIVEIRA, 2008, p. 55). Livrar-se do desespero é depositar a fé em Deus.

O desespero provoca no indivíduo uma crise⁷, tornando-se um momento de fraqueza. A superação desta situação deve ocorrer através do autoconhecimento, do voltar-se para si próprio. Um momento decisivo na vida do indivíduo pode levá-lo a uma profunda crise, pelo fato de não querer encarar o desespero. Portanto, como define Oliveira “a cura é, dar-se conta do seu próprio desespero, sendo a doença a negação ou a intenção de não ter consciência deste terrível estado” (2008, p. 57). Assim, fica evidente que para sair do desespero é preciso aceitá-lo, do mesmo modo como se enfrenta uma enfermidade física na luta diária, pois entregar-se ao desespero é o mesmo que entregar-se à morte.

A inconsciência, sendo considerada “a forma que mais riscos contém” (KIERKEGAARD, 1952, p. 81), juntamente com as definições de desespero apresentadas na sequência, manifestam as três possibilidades de desespero que o indivíduo pode vivenciar. Nessa perspectiva, “é nesta ignorância que o homem tem menor consciência de ser espírito” (KIERKEGAARD, 1952, p. 81). Ou seja, o indivíduo que ignora o seu estado de vida enfrenta mais dificuldades na superação do desespero.

O desespero, no qual o indivíduo não deseja ser ele próprio, é considerado por Kierkegaard ‘desespero-fraqueza’, pois, “[...] neste caso, desesperar, é simplesmente sofrer: suporta-se passivamente uma opressão que vem de fora, e de modo nenhum o desespero vem de dentro como se fosse uma acção” (1952, p. 88). O indivíduo do desespero-fraqueza é caracterizado por não encontrar uma consciência do eu.

Por outro lado, outra origem de desespero está no indivíduo que deseja tornar-se ele próprio. Esse é definido por Kierkegaard como ‘desespero-desafio’.

⁷ “Em um sentido genérico, significa uma mudança no curso de um processo” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996, p. 59).

Nessa definição, “o desespero tem consciência de ser um ato e não provém do exterior como um sofrimento passivo sob a pressão ambiente, mas diretamente do eu” (KIERGEGAARD, 1952, p. 113). Nessa nova forma apresentada, há a consciência do desespero que tem origem no próprio indivíduo que deseja tornar-se um eu.

Nesse sentido, o desespero faz parte da vida do indivíduo e “seja qual for a escolha efetuada, o homem não escapa a uma fase de desespero. Kierkegaard qualifica como *desespero* até as vidas mais tranquilas, anestesiadas, inconscientes de sua própria miséria: a não-vida” (FARAGO, 2006, p. 99). Dessa maneira, o desespero é uma característica da existência humana e sua superação se dá na relação consigo mesmo e com Deus.

Sobre o desespero, Strathern escreve:

O desespero consciente tem noção de si mesmo. Isso ocorre de duas maneiras. A falsa noção de desespero consciente se dá quando um indivíduo sabe que se desespera mas imagina que tal não acontece com os outros. [...] isso leva a um desespero ainda maior. A verdadeira noção de desespero consciente percebe que o desespero é na verdade parte da condição humana e, como tal, parte de todo ser. Esse verdadeiro desespero é, portanto, consciente de pertencer a um eu. A única maneira de um indivíduo escapar ao desespero é “optar pelo seu próprio eu” e dar o salto da fé. Aqui Kierkegaard revela seu propósito oculto: o único ‘eu verdadeiro’ é o crente (1999, p. 58).

Desse modo, compreendemos que o desespero consiste na relação do indivíduo consigo mesmo. É optando por si mesmo e depositando sua fé em Deus que ele consegue sair do desespero. Quando o indivíduo assume o

desespero como originário da própria existência, demonstra a consciência de conhecer-se a si mesmo e busca as condições necessárias para vencê-lo.

Considerações finais

A angústia e o desespero fazem parte da condição humana, pois “existir é sofrer o desespero e a angústia” (JOLIVET, 1957, p. 57). Com isso, ambos caracterizam a vida do indivíduo, este que pode escolher e se arriscar quando toma certa decisão. É importante ressaltar aqui que “não se confunde angústia com desespero; pois a angústia é a condição existencial do homem em relação ao mundo, e o desespero é a condição existencial do homem em relação a si próprio” (OLIVEIRA, 2008, p. 42). Cada um destes conceitos é aplicado a uma situação da condição existencial humana.

Nessa perspectiva, angústia e desespero podem ser consideradas na existência humana como “crises existenciais, ou seja, o existencialismo propriamente dito, que com Kierkegaard inicia, é um voltar-se para a concretude do indivíduo, para a sua singularidade e particularidade” (OLIVEIRA, 2008, p. 47). Assim, revela-se a importância do indivíduo perceber-se enquanto tal e reconhecer que angústia e desespero são condições para a existência autêntica.

A angústia torna-se um sentimento vinculado àquilo que pode acontecer, na medida em que se relaciona com a possibilidade de escolha. Mas o desespero torna-se um sentimento relacionado à responsabilidade que exige do indivíduo uma total relação consigo próprio, ou seja, optar-se por si mesmo. A angústia e o desespero são vivenciados na particularidade de cada indivíduo, ou seja, são e devem ser experiências próprias de cada um, levando em consideração que o pensamento existencial do filósofo dinamarquês prioriza e valoriza o indivíduo.

Nesse sentido, o percurso realizado pelo indivíduo deixa marcas na sua existência. Todos os acontecimentos são marcados por escolhas que ele próprio faz. Durante a caminhada que cada indivíduo realiza, estão presentes a angústia e o desespero. Por isso, esses sentimentos são temas centrais da filosofia existencial de Kierkegaard.

A possibilidade de escolha que gera a angústia e, por conseguinte o desespero, desperta no indivíduo a capacidade de estar acima de qualquer outra espécie. Assim sendo, tais características tornam o indivíduo um ser capaz de evoluir, mas para tanto é necessário que ele seja consciente de tal capacidade.

Perante a possibilidade de escolha, o indivíduo precisa decidir e para isso é necessário saber refletir. A angústia tem, neste caso, a missão de colocar o indivíduo num estado de questionamento, na medida em que ele deve fazer uma opção. Já o desespero surge da relação do indivíduo consigo mesmo e, portanto, estimula nele o reconhecimento do seu próprio eu, que consiste na aceitação do fato de estar desesperado. Dessa maneira, o indivíduo ganha forças para superar o desespero. De fato, a preocupação de Kierkegaard com o indivíduo está também representada nos respectivos estudos sobre angústia e desespero, apresentando a importância do indivíduo reconhecer-se enquanto tal, buscando avançar nos estágios da existência para chegar à sua realização.

A sociedade contemporânea apresenta várias características que possibilitam a percepção de um tempo no qual muitos indivíduos não valorizam as escolhas que fazem. Por isso, é importante que o indivíduo não se distancie da sua singularidade e seja capaz de reconhecer a necessidade de ser ele mesmo. A liberdade que o indivíduo possui se expressa na capacidade que este tem de escolher, todavia é preciso saber usá-la no percurso que é realizado dia

após dia na existência. A liberdade é uma condição fundamental na vida de cada indivíduo e deve fazer brotar em si mesmo uma autêntica existência.

Com estas considerações, pôde-se perceber que os sentimentos de angústia e desespero são constitutivos da existência humana, pois “nenhuma vida se pode eximir à angústia que, assim, passa a ser, juntamente com o desespero – aquela anterior e este posterior à liberdade – a característica mais marcada da existência” (JOLIVET, 1957, p. 61). A partir da vivência destas categorias existenciais, o indivíduo está sempre na constante tarefa de edificar-se, ou melhor, na constante busca de viver sua autenticidade, enquanto existente. Portanto, ambas definem um indivíduo que, através delas, vive a sua individualidade, ou seja, decididamente reconhece e dá importância para a sua existência.

Referências

ANDRADE, Nicoló. Kierkegaard e a religião cristã: o paradoxo da fé e o paradoxo da confissão da fé. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 11, p. 24-32, jan. 2012.

Disponível em:

<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/15656>. Acesso em: 24 jul. 2019.

BACKHOUSE, Stephen. **Kierkegaard**: uma vida extraordinária. Tradução de Nirio de Jesus Moraes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

BEAUFRET, Jean. **Introdução às filosofias da existência**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

BÍBLIA. Português. **Bíblia do peregrino**. 3. ed. São Paulo: Paulus: 2011.

CASSOL, Josimar. **A problemática da verdade subjetiva nas migalhas filosóficas de Kierkegaard**. 2013. 37 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em Filosofia) – Faculdade Palotina, Santa Maria.

COLLINS, James. **El pensamiento de Kierkegaard**. Traducción de Elena Landázuri. México: Fondo de Cultura Económica, 1958.

FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2006.

FELIPPE, Valdecir Luiz. **Os estágios evolutivos do homem na obra “Temor e tremor” de Kierkegaard**. 1998. 43 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Teologia Santa Maria, Santa Maria.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia: romance da história da filosofia**. Tradução de Leonardo Pinto Silva. São Paulo: Schwarcz, 2016.

GARDINER, Patrick. **Kierkegaard**. Tradução de Antonio Carlos Vilela. São Paulo: Loyola, 2001.

GRELOT, Pedro. **Reflexões sobre o problema do pecado original**. Tradução de Henr Perbeche. São Paulo: Paulinas, 1969.

HIRSCHBERGER, Johannes. **História da filosofia moderna**. Tradução de Alexandre Correia. São Paulo: Herder, 1960.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. São Paulo: Jorge Zahar, 1996.

JOLIVET, Régis. **As doutrinas existencialistas: de Kierkegaard a Sartre**. Porto, PT: Tavares Martins, 1957.

KIERKEGAARD, Sören. **Desespero humano (doença até a morte)**. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. 3. ed. Porto, PT: Tavares Martins, 1952.

KIERKEGAARD, Sören. **Diário de um sedutor**. Tradução de Carlos Grifo. Lisboa: Presença, s.d.

_____. **O conceito de angústia**. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. **Ponto de vista explicativo da minha obra de escritor**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2002.

_____. **Temor e tremor**. Tradução de Maria José Marinho. 3. ed. Lisboa: Guimarães, 1998.

MORAES, Éder Junio. **Angústia**: condição fundamental para a autêntica existência humana, na perspectiva de Sören Kierkegaard. 2007. 65 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em Filosofia) – Faculdade Palotina, Santa Maria.

OLIVEIRA, Ilson José de. **O desespero como uma categoria existencial do indivíduo em Sören Aabye Kierkegaard**. 2008. 64 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em Filosofia) – Faculdade Palotina, Santa Maria.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: do humanismo a Descartes. Tradução de Ivo Storniolo. 2. ed. v. 3. São Paulo: Paulus, 2005.

RUF, Ambrosius Karl. **Pecado**: o que é? Tradução de Leo Nicolau Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

SALES, Talles Luiz de Farias. O estádio estético e o seu lugar na teoria kierkegaardiana dos Stadier. **Revista Filogênese**, Marília, v. 5, p. 106-120, 2012. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/tallessales1.pdf>. Acesso em: 09 set. 2019.

SAMPAIO, Laura Cristina Ferreira. **A existência ética e religiosa em Kierkegaard**: continuidade ou ruptura? 2010. 181 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4776/3042.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 jul. 2019.

STRATHERN, Paul. **Kierkegaard em 90 minutos**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.